

## O coronavírus sob o liberalismo

*Byung-Chul Han*

A ameaça do terrorismo já nos levou a nos submeter a medidas de segurança degradantes nos aeroportos sem apresentarmos o mínimo de resistência. Com os braços levantados, deixamos que examinem nossos corpos. Nós permitimos que eles nos apalpem em busca de armas escondidas. Cada um de nós é um terrorista em potencial. O vírus é o terrorismo que vem do ar, representa uma ameaça consideravelmente maior do que a do terrorismo islâmico. É intrínseco à lógica de tudo isso pensar que a pandemia terá consequências que transformarão toda a sociedade em uma zona de segurança, numa quarentena permanente em que todos serão tratados como portadores potenciais do vírus.

A Europa e os Estados Unidos estão perdendo todo o seu esplendor em meio à pandemia. Eles caem. Eles parecem incapazes de controlar a epidemia. Na Ásia, lugares como Taiwan, Hong Kong, Cingapura, Coreia do Sul ou Japão souberam como controlá-lo de forma relativamente rápida. A que se deve isso? Que vantagens sistêmicas os países asiáticos mostram? Na Europa e nos Estados Unidos, o vírus encontra uma sociedade liberal na qual se espalha sem esforço. O liberalismo é o culpado pelo fracasso europeu? O vírus poderia se sentir confortável no sistema liberal?

Logo prevalecerá a ideia de que a luta contra a pandemia indica agir em pequena escala, ou seja, colocar o foco na pessoa, no indivíduo. Mas o liberalismo não permite com facilidade esse procedimento. Uma sociedade liberal é formada por indivíduos com liberdade de ação que não autorizam a interferência do Estado. Somente a proteção de dados evita a vigilância em pequena escala dos indivíduos. A sociedade liberal não contempla a possibilidade de tornar os indivíduos, individualmente, o objeto de vigilância, por isso não tem escolha a não ser recorrer ao “*shutdown*”, com enormes consequências econômicas. O Ocidente em breve chegará a uma conclusão fatal: que a única coisa capaz de evitar o fechamento completo é uma biopolítica que permite acesso ilimitado ao indivíduo. O Ocidente concluirá que a esfera privada protegida é precisamente o que oferece abrigo ao vírus. Mas reconhecer isso significa o fim do liberalismo.

Os asiáticos estão combatendo o vírus com rigor e disciplina inconcebíveis para os europeus. A vigilância se concentra em cada pessoa individualmente,

e essa é a principal diferença da estratégia europeia. Os rigorosos procedimentos asiáticos lembram as medidas disciplinares adotadas na Europa do século XVII para combater a epidemia da Peste. Michel Foucault as descreveu de maneira impressionante em sua análise da sociedade disciplinar. As casas são trancadas por fora e as chaves são entregues às autoridades. Aqueles que violam a quarentena são condenados à morte. Animais soltos são mortos. A vigilância é total. É exigida obediência incondicional. Cada casa é monitorada individualmente. Durante os controles, todos os habitantes de uma casa devem aparecer junto à janela. Aqueles que moram em casas que abrem para quintais recebem uma janela da frente para aparecer. Eles chamam cada pessoa pelo nome e perguntam sobre sua saúde. Quem mente fica exposto à pena de morte. Um sistema de registro completo é estabelecido. O espaço se torna uma rede atrofiada de células impermeáveis. Cada um está atado ao seu lugar. Qualquer um que se move coloca sua vida em risco.

No século XVII, a Europa se tornou uma sociedade disciplinar. O poder biopolítico penetra até nos mínimos detalhes da vida. Toda a sociedade é transformada em um panóptico, é atravessada pelo olhar panóptico. A memória dessas medidas disciplinares desapareceu completamente na Europa. Na realidade, eram medidas muito mais rigorosas do que as tomadas pela China diante desta pandemia. Mas pode-se dizer que a Europa dos séculos XVII e XVIII é a China de hoje. Entretanto, a China criou uma sociedade disciplinar digital com um sistema de crédito social que permite vigilância e controle biopolítico da população sem falhas. Nem um único momento da vida cotidiana escapa à observação. Cada clique, cada compra, cada contato, todas as atividades nas redes sociais são monitoradas. São usadas 200 milhões de câmeras de vigilância de reconhecimento facial. Quem cruza o sinal vermelho, tem contato com pessoas que se opõem ao regime ou publica comentários críticos nas redes sociais está em perigo. Aqueles que, em vez disso, compram alimentos saudáveis ou leem os jornais oficiais, são recompensados com créditos baratos, seguro de saúde ou vistos de viagem. Na China, essa vigilância completa é possível porque não há restrições à troca de dados entre a Internet e os provedores de telefonia móvel e as autoridades. Então o Estado sabe onde estou, com quem estou, o que estou fazendo agora, o que estou procurando, o que penso, o que compro, o que como. É muito provável que, no futuro, o Estado também controle a temperatura corporal, o peso, os níveis de açúcar no sangue, etc.

A vigilância digital total da população está se mostrando extremamente eficaz contra o vírus. Qualquer pessoa que sai da estação de trem de Pequim é capturada por uma câmera que mede a temperatura do corpo. Se a temperatura estiver alta, todos que estavam no mesmo vagão serão informados pelo celular. O sistema sabe quem, quando e onde ele estava sentado no trem. E pessoas potencialmente infectadas são detectadas usando apenas dados tecnológicos. As redes sociais informam sobre o uso de drones para monitorar a quarentena. Se uma pessoa abandona clandestinamente sua quarentena, o drone voa em sua direção e pede que retorne para casa. O drone pode até imprimir uma multa no local e soltá-la em sua cabeça. Parece que uma mudança de paradigma está ocorrendo no controle da pandemia e o Ocidente não está plenamente consciente. O controle pandêmico está sendo digitalizado. Não são apenas os virologistas e epidemiologistas que combatem, mas também os engenheiros de computação e os especialistas em big data.

Na luta contra o vírus, o indivíduo é monitorado individualmente. Um aplicativo atribui a cada pessoa um QR Code que indica em cores seu estado de saúde. A cor vermelha indica uma quarentena de duas semanas. Somente aqueles com código verde podem se mover livremente. Não é apenas a China, outros países asiáticos também implementam a vigilância individual. Para detectar pessoas potencialmente infectadas, os dados mais diversos são cruzados. O governo sul-coreano está mesmo considerando forçar as pessoas em quarentena a usar uma pulseira digital que lhes permita ser monitoradas 24 horas por dia. Até agora, esse método de vigilância era reservado para aqueles que cometeram crimes sexuais. Portanto, diante da pandemia, cada indivíduo é tratado como um potencial criminoso.

### *Feudalismo digital*

O modelo asiático de combate ao vírus não é compatível com o liberalismo ocidental. A pandemia coloca em evidência a diferença cultural entre a Ásia e a Europa. Na Ásia, uma sociedade disciplinar continua a prevalecer, um coletivismo com forte tendência à disciplina. Simplesmente são aplicadas medidas disciplinares radicais que encontrariam forte rejeição pelos europeus. Elas não são percebidas como uma restrição dos direitos individuais, mas como um cumprimento de deveres coletivos. Países como China e Singapura têm um regime autocrático. Até algumas décadas atrás, na Coreia do Sul e em Taiwan, também prevaleciam as condições autocráticas. Regimes autoritários tornam as pessoas sujeitos disciplinares,

educam-nas para a obediência. E a Ásia é marcada pelo confucionismo, que dita obediência incondicional à autoridade. Todas essas peculiaridades asiáticas são vantagens sistêmicas para conter a epidemia. Será que a sociedade disciplinar asiática acabará prevalecendo em escala global à luz da pandemia?

Nem é necessário fazer referência à Ásia para apontar o perigo que a pandemia representa para o liberalismo ocidental. A vigilância panóptica não é um fenômeno exclusivamente asiático. Já estamos vivendo em um panóptico digital global. As redes sociais também se assemelham cada vez mais a um panóptico que implacavelmente vigia e explora os usuários. Nós nos expomos voluntariamente. Não entregamos nossos dados à força, mas por necessidade interna. Somos constantemente incentivados a compartilhar nossas opiniões, preferências e necessidades, a nos comunicar e contar nossas vidas. Os dados são então analisados por plataformas digitais dedicadas à previsão e manipulação de comportamentos e explorados comercialmente sem trégua ou quartel.

Vivemos no feudalismo digital. Senhores feudais digitais como o Facebook nos dão a terra e dizem: você a obtém de graça, agora arem-na. E nós a aramos como loucos! No final, vêm os senhores e tomam a colheita. É assim que toda a comunicação é explorada e monitorada. É um sistema extremamente eficiente. Não há protesto porque vivemos em um sistema que explora a própria liberdade.

O capitalismo como um todo está sendo transformado em capitalismo de vigilância. Plataformas como Google, Facebook ou Amazon nos monitoram e manipulam, a fim de maximizar seus lucros. Cada clique é gravado e analisado. Somos guiados como fantoches por fios algorítmicos. Mas nos sentimos livres. Estamos testemunhando uma dialética da liberdade, que a transforma em servidão. Isso ainda é liberalismo?

A pergunta que devemos fazer é: por que toda essa vigilância digital, que está ocorrendo de qualquer maneira, deveria parar frente ao vírus? É provável que a pandemia reduza esse limiar de inibição que impedia a vigilância de se estender biopoliticamente ao indivíduo. A pandemia nos leva a um regime de vigilância biopolítica. Não apenas nossas comunicações, também nosso corpo, nosso estado de saúde, estão se tornando objeto de vigilância digital. A sociedade de vigilância digital está passando por uma expansão biopolítica.

Segundo Naomi Klein, autora de *No Logo*, o choque é um momento oportuno para instalar um novo sistema de dominação. O choque pandêmico fará com que uma biopolítica digital se apodere globalmente, tomando conta de nosso corpo com seu sistema de controle e vigilância, uma sociedade disciplinar biopolítica que monitora permanentemente nossa saúde. Também não devemos descartar que nos sentiremos livres nesse regime de vigilância biopolítica. Na verdade, pensaremos que todas essas medidas de vigilância são para nossa própria saúde. A dominação é concluída no momento em que coincide com a liberdade. Em meio à comoção causada pela pandemia, o Ocidente será forçado a abandonar seus princípios liberais? Corremos o risco de nos tornarmos uma sociedade biopolítica de quarentena que restringe permanentemente nossa liberdade? A China é o futuro da Europa?